

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral
Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA
www.comunhaolisboa.com

ANO 30

Nº 186

SETEMBRO - OUTUBRO
2012

Propriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
	Editorial	2
Calçada do Tojal, 95, s/c	Palavras de Kardec	4
1500-592 Lisboa	A cegueira dos que enxergam	6
Telefone : 217 647 441	Salmo da Glorificação	8
*	A instrução do Espírito	10
Director Responsável :	Mãe (Poema)	15
Manuela Vasconcelos	O Espiritismo, a medicina...	16
*	Férias	21
	Páginas do Passado	24
Tiragem : 150 exemplares	Sempre adiante	27
Distribuição Gratuita		
*		
Registo nº.211720	*	
Depósito Legal Nº. 13972		

EDITORIAL

Já alguma vez alguém pensou na dificuldade que há em se escrever um “editorial”? Perguntamo-lo porque, de cada vez que pensamos estar na hora de fazermos mais uma Revista, surge sempre a mesma pergunta: “De que falaremos neste editorial?” Hoje, agora não está a ser diferente, e nem o excesso de calor que diariamente nos envolve, ou o vento que nos abraça, ou o horror dos fogos espalhados por todo o nosso País, com as consequências tristes e desanimadoras para todos aqueles que levaram uma vida toda a lutar para agora, no ocaso das suas existências, quando já poucas forças lhes restam, se olharem de repente com as mãos vazias e os corpos debilitados sem forças já para continuarem, para recomeçarem... nenhum destes temas chega para nos aliciar.

Podemos, ainda, referir da tristeza da notícia que os média nos transmitem e os noticiários das TV’S confirmam, do encerramento de mais algumas centenas de escolas... Nós, que tivemos a felicidade de termos uns pais que sempre primaram pela nossa alfabetização perguntamo-nos como vai ser, já que, no interior, ainda há adultos que pensam ser mais importante os filhos, ainda que crianças, trabalharem nos campos que aprenderem a ler, a escrever, a contar!

A falta de alfabetização nas crianças foi uma das grandes ‘brechas’ no governo ditador que os nossos pais e alguns de nós – os da nossa geração - vivemos. Com a promessa que a democracia nos trouxe, pensávamos que este ‘monstro aterrador’ estava, finalmente, eliminado mas, afinal... será que continuam as más fadas? Sim, porque obrigar uma criança a andar diariamente algumas dezenas de quilómetros para aprender a ler não nos parece que seja benéfico para qualquer uma... E embora

reconhecendo que nós, portugueses, somos todos inteligentes – talvez até com uma inteligência superior à média – perguntamos se bastará olharmos para os ‘hieróglifos’ que para qualquer criança representam as letras que não conhece para que, só de os olhar aprenda a ler... a escrever... a contar?!

Algo nos parece errado neste planeta a viver os primórdios do terceiro milénio. O quê? Será a falta de quem nos governe olhando por todos, vendo as necessidades de todos... ou será a falta de fé de muitos de nós, que isolam este “cantinho à beira mar plantado” de um auxílio divino mais eficaz que o que se tem feito sentir até agora?

... E, olhando e escutando os que de nós se abeiram, apetece-nos perguntar o que fizeram da fé, aquela fé que levou o primeiro rei de Portugal a vencer mouros e castelhanos e a tornar este cantinho independente e com um nome próprio? Onde estão aqueles que sabiam cerrar os dentes, erguer os ombros e seguir em frente, sem desânimo, na construção da própria vida e da vida portuguesa? Para onde deixaram eles que fugisse a esperança?

Honestamente, não sabemos... Sabemos apenas que a nossa fé é cada vez mais firme... e mesmo sem precisarmos de nos deslocarmos a Fátima acreditamos firmemente que um dia - mais breve ou mais distante conforme o querer dos que se mantêm de braços cruzados, apenas observando ou fingindo que o fazem – um dia o Sol da esperança voltará a nascer em Portugal e, com ele, sentiremos todos a Luz que vem do Alto a envolver-nos e incentivar-nos a deixarmos a inércia que nos envolveu e retomarmos a acção por um AMANHÃ MELHOR! Assim, todos queiramos! (E assim se escreveu mais um editorial!)

A DIRECÇÃO

PALAVRAS DE KARDEC

CARACTERES DA REVELAÇÃO ESPÍRITA

(Continuação)

24 – Sendo Deus o centro de todas as crenças religiosas e o objectivo de todos os cultos, **o carácter de todas as religiões está conforme à ideia que elas dão de Deus.** As religiões que fazem de Deus um ser vingativo e cruel julgam honrá-lo com actos de crueldade, com as fogueiras e torturas; aquelas que têm um Deus parcial e zeloso são intolerantes e mais ou menos meticulosas na forma, segundo crêem, mais ou menos contaminadas das fraquezas e mesquinhas humanas.

25 – Toda a doutrina do Cristo se funda no carácter que ele atribui à Divindade. Com um Deus imparcial, soberanamente justo, bom e misericordioso, ele faz do amor de Deus e da caridade para com o próximo a condição expressa da salvação, dizendo: “**Amai a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a vós mesmos; nisto se resume toda a lei e os profetas; não existe outra.**” Somente esta crença assentou o princípio da igualdade dos homens perante Deus e o da fraternidade universal. Mas, seria possível amar esse Deus de Moisés? Não. Não se poderia senão teme-lo.

Esta revelação dos verdadeiros atributos da Divindade, juntamente com a imortalidade da alma e da vida futura, modificava profundamente as relações mútuas entre os homens, impunha-lhes novas obrigações, fazia-os encarar a vida presente sob outro aspecto; devia, por isso mesmo, agir contra os costumes e as relações sociais. Incontestavelmente, por suas consequências, este é o ponto capital da revelação do Cristo, e da qual não foi suficientemente compreendida a importância; e, constringe dize-

lo, é o ponto de que mais nos temos afastado, o ponto mais desconhecido na interpretação de seus ensinamentos.

26 – Entretanto, o Cristo acrescenta: “Muitas das coisas que vos digo, vós não as podeis ainda compreender, e eu tenho muitas outras a vos dizer, que não compreenderíeis; por isso é que vos falo por parábolas; mais tarde, porém, **enviar-vos-ei o Consolador, o Espírito de Verdade, que restabelecerá todas as coisas e vo-las explicará.**” (Jo 14: 16; Mt: 17).

Se o Cristo não disse tudo quanto poderia dizer, é que ele acreditava deveria deixar certas verdades na sombra até que os homens estivessem em estado de compreendê-las. Ele mesmo disse que o seu ensinamento era incompleto, pois anunciou a vinda daquele que viria completá-lo; previa, assim, que as suas palavras não seriam bem interpretadas, que o seu ensino seria desviado; numa palavra, que seria desfeito o que ele fizera, desde que todas as coisas deveriam ser restabelecidas; ora, não se **restabelece** senão aquilo que foi desfeito.

27 – Porque denomina ele **Consolador** ao novo Messias? Este nome significativo e sem ambiguidades é toda uma revelação. Assim, ele previa que os homens teriam necessidade de consolo, o que implica a insuficiência das consolações que encontrariam na crença que estavam formulando. Jamais o Cristo poderia ser mais claro e mais explícito como nestas últimas palavras, às quais poucos deram a atenção necessária, talvez porque evitaram mesmo esclarecê-las e aprofundar-lhes o sentido profético.

(Continua)

(In A GÊNESE, 13ªed. Lake, 1981, capítulo 1).

*

A CEGUEIRA DOS QUE ENXERGAM

*“Também nós, então, somos cegos?
- Se fosseis cegos, não teríeis pecado”
- Jesus (Jo., 9-41)*

Isaías já profetizava: *“Ouvireis com os vossos ouvidos e nada entendereis; olhareis com os vossos olhos e nada vereis.”*

Se um cego nos esbarra na via pública, ele é menos culpado do que aquele que vê e nos atropela.

Allan Kardec ensina¹: *“Quem quer que conheça os preceitos do Cristo e não os pratique, é certamente culpado.”*

Bom, com essas premissas chegamos à seguinte conclusão: *A culpabilidade está na razão das luzes que a criatura possui.*

Aprendemos com Amélia Rodrigues²:

“Os cegos espirituais têm olhos como candeias acesas, mas sua luz não os liberta das sombras densas da escuridão. (...) Há cegos que enxergam, porém não querem ver a verdade, não procuram discernir. O discernimento é fenômeno da razão e do conhecimento, que norteia o destino do homem honrado, que se lhe entrega antes de agir.

“O cego do espírito, aquele que se recusa a utilizar a consciência que discerne na aplicação dos valores éticos, esse, sim, é realmente infeliz. O cego dos olhos tropeça nos caminhos

por onde seguem os seus pés. O outro, o da alma, corrompe os sentimentos e destroça os valores íntimos da dignidade, da paz.

“(...)O amor de Jesus prossegue – ainda hoje – dirigido especialmente aos cegos espirituais, aos soberbos e déspotas, aos vão e dominadores...”

Eramos cegos, todos nós, e – por amor – Jesus e Kardec nos fizeram enxergar o futuro mediante a percepção transcendente.

Jesus ainda faz a mesma pergunta que formulou ao cego de nascença após a cura: *“Crês que eu seja o Emissário do Pai Todo-Poderoso?”*

Sem titubear, ele que recebera a grandiosa dádiva, respondeu: *“Sim, Senhor, eu creio. Eu era cego, e agora vejo. Eu creio, Senhor”*.

(...) O Mensageiro do Pai abria os olhos do Mundo, naquele momento, e implantava as bases da Era Nova, que até hoje ainda não foram identificadas por muitos dos Seus seguidores que permanecem cegos para a Verdade e não se deram conta que Ele é.”

1 – KARDEC, Allan. *O Evangelho S/o Espiritismo*, 125 ed. Rio(de Janeiro): FEB, 2006, cap. XVIII, item 2:

2 – FRANCO, Divaldo. *O Trigo de Deus*. Salvador: LEAL, 1993, capítulos 3 e 11.

ROGÉRIO COELHO
(Mauriaé – MG. – Brasil)

SALMO DA GLORIFICAÇÃO

Pai, que para lá dos céus ouves a minha alma a suspirar por Ti, Pai que me criaste; Pai sem o qual eu não existiria; bendito é o Teu nome, bendito é o Teu Ser em que o meu quer mergulhar, perder-se para melhor se encontrar.

Venha sobre nós o Reino da Paz e do Amor, esse Reino que é o do Cristo, Teu Filho, esse Reino em que desejo ser o mais humilde dos vassalos.

Que nós possamos compreender a Tua Vontade criadora, para que, pela liberdade que nos deste, a cumpramos sem demoras.

Dá-nos, Senhor, o pão espiritual que é a Luz da Verdade pregada pelo Cristo; que eu possa saciar-me com esse pão sagrado e não mais comer de qualquer outro; que eu tenha forças para, saindo da minha condição de pecador mil vezes caído, saborear esse pão e desprezar o pão escuro das paixões terrenas.

Perdoa as culpas dos que tropeçam e se atolam nos lameiros da carne, cegos para intensamente ver o rasto luminoso que o Guia nos deixou; perdoa-nos, Senhor, perdoa-nos porque, fracos e imperfeitos, caímos, caímos sempre.

Senhor, eu quero perdoar a todos o mal que me fizeram, fazem ou farão um dia. São fracos como eu e não sabem que devem amar. Oh! Permite que em nossa alma se não albergue o ódio, para que até a meus inimigos eu saiba amar. Senhor, permite que em minha alma impura se albergue o exemplo vivido de Teu filho.

Ergue-me nas Tuas mãos, para que não caia mais vezes no solo da Terra, por mim, pelos meus erros constantes tornado um mundo de expiação.

Permite, Senhor, que a luta que se trava entre o que sou hoje e aquilo que quero ser, seja por mim vencida. Dá-me força para carregar a Cruz dos erros que cometi, essa Cruz pesada com a qual subo o calvário de múltiplas encarnações para chegar até ao Cristo. Piedade para as minhas fraquezas!

Eu não ergo os olhos para Ti, Senhor, porque não poderei ver o mais leve raio da Tua Luz Eterna.

Z.

(In: Revista Espirita Portuguesa, ora extinta, nº. 6, 8º ano, em Junho de 1947).

*

“Com a pressa de viver esquecem-se, muitas vezes,
As razões da vida.” - HANOTAUX

*

A INSTRUÇÃO DO ESPÍRITO

No capítulo VI, item 5 do livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, o Espírito de Verdade conclama a todos para que nos amemos, entendendo-se o sentido sublime de “amarmos uns aos outros”.

Em seguida nos orienta a nos instruir. Mas por quê?

Com o desenvolvimento do amor sublime, o discernimento das virtudes que se chocam com os chamados “pecados capitais” tornam-se cada vez mais fortes em nosso espírito. Uma destas virtudes é a caridade e o apóstolo Paulo, que não conheceu pessoalmente Jesus, mas passou a amá-lo profundamente depois de se instruir, descreve o que é a caridade na sua primeira carta aos Coríntios (cap. XIII, vers. 1 a 13) e que cito abaixo:

“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse caridade, seria como o metal que soa ou como o sino que tine.

“E ainda que eu tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse caridade, nada seria.

“E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse caridade, nada disso me aproveitaria.

“A caridade é sofredora, é benigna; a caridade não é invejosa; não trata com leviandade; não se ensoberbece.

“Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal. Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade.

“Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

“Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e a caridade. Mas a maior destas é a caridade.”

Com o desenvolvimento do conhecimento, podemos aceitar ou refutar as informações que nos chegam em toneladas todos os dias, por toda a mídia escrita, falada e virtual, entendendo-se esta última pela rede mundial de computadores, a Internet.

Ao ouvir uma palestra ou conversa, ao ler qualquer impresso ou “navegar” pela Internet, podemos nos defrontar com perguntas ou o pior, afirmações incorrectas ou obtusas sobre a doutrina que não temos apenas o dever, mas a obrigação de corrigir, seja dentro da Casa Espírita ou em conversas informais. Instruindo-nos, conseguimos o conhecimento necessário para auxiliar os irmãos queridos que nos procuram, ora em profundo desespero, ora em tremenda tempestade íntima, pois desenvolvemos o ajuste de sintonia mais fidedigna, fechando o círculo entre o plano, nós e este irmão necessitado.

Este atendimento, portanto, também é uma caridade pois se enquadra perfeitamente na descrição do Apóstolo dos Gentios e, será bem realizada com o conhecimento evangélico e de vida que vamos adquirindo com nosso desenvolvimento. Aí está o motivo da orientação do **“instruí-vos”**.

Para ilustrar a importância de nos instruir, selecionei o texto abaixo, de um sítio da Internet que, a princípio, tem o objectivo de servir de enciclopédia ou line, referindo-se ao verbete Espiritismo:

“Segundo a Lei dada a Moisés no Antigo Testamento, entendem as igrejas cristãs, interditou-se claramente ao Antigo Israel a consulta ao mundo dos espíritos e o exercício de poderes sobrenaturais por eles concedidos: “não haverá no meio de ti ninguém que faça passar pelo fogo seu filho ou sua filha, que interrogue os oráculos, pratique adivinhação, magia, encantamentos, enfeitiçamentos, recorra à adivinhação ou consulte os mortos. (Deuteronómios 18: 10-14)”.

“(...) É condenada todas as formas de adivinhação, o uso de artes mágicas – seja, magia branca ou magia negra – e a consulta dos espíritos dos “mortos” (ou necromancia). Esta proibição é confirmada no Novo Testamento. Nos Evangelhos e no livro de Atos, estes “Espíritos” são qualificados de “impuros” ou de “iníquos”. O apóstolo Paulo menciona claramente que aqueles que praticam Espiritismo “não herdarão o Reino de Deus.” (Gálatas, 5:20).

Analisando a penúltima linha do texto acima, a citação do autor diverge daquela citada na bíblia. Abaixo transcrevo Gálatas 5:19-22 retirado do sítio <http://protestantes.renacebrasil.com.br/bibliainline/index.html>, onde constatamos a distorção. Observe principalmente o versículo 21:

“19 Ora, as obras da carne são manifestas, as quais são: a prostituição, a impureza, lascívia,

“20 a idolatria, a feitiçaria, as inimizades, as contendas, os ciúmes, as iras, as facções, as dissensões, os partidos,

“21 as invejas, as bebedices, as orgias, e coisas semelhantes a estas, contra as quais vos previno, como já antes vos preveni, que os tais coisas praticam não herdarão o reino de Deus.

“22 Mas o fruto do Espiritismo é: o amor, o gozo, a paz, a longanimidade, a benignidade, a bondade, a fidelidade.”

Nestes tempos modernos, onde existe uma verdadeira enxurrada de autores espíritas, com obras psicografadas ou pseudo psicografadas equivocadas, há uma necessidade urgente de discernimento e da instrução dos espíritas quanto a necessidade de estudo das obras básicas e das complementares, notadamente de André Luiz.

Ontem, no Cristianismo primitivo, a grande maioria dos seguidores da doutrina do Crucificado preferiam ouvir ou ler as estorinhas fabulosas dos apócrifos, ao invés de estudar os exemplos do Mestre. Hoje, os espíritas, os cristãos redivivos, preferem maravilhar-se com teorias e fábulas espiritualistas, de obras que não têm nada a acrescentar, do que sentar-se e instruir-se com ‘O Livro dos Espíritos’, ‘A Gênese’, ‘O Livro dos Médiuns’, ‘O Céu e o Inferno’, ‘Mecanismos da Mediunidade’, ‘Evolução em dois Mundos’, etc..

Quando nos chega uma mensagem, psicografada por um médium da casa, com o seguinte teor:

“(…) nesta terra de anões espirituais, você, como espiritualista inteligente, é um ‘gigante consciencial’, um fragmento ambulante interdimensional da espiritualidade”,

é necessário que se avalie uma mensagem deste tipo e a classifiquem como de um espírito pseudo-sábio ou zombeteiro, que utiliza palavras que não querem dizer nada e, o pior, chavões ontrários à doutrina, como “espiritualista”, além da massagem no ego do médium, que está a um passo de uma obsessão séria e fascinação.

Medidas já propostas há milénios, atrás pelo apóstolo João, quando disse (4-1): “*Amados, não creiais em todo o espírito, mas provai se os espíritos vêm de Deus; porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo*”, são ferramentas básicas para desmascarar estes espíritos que, graças à invigilância do médium permitem-lhe a entrada pela brecha deixada.

Por isso, a instrução do Espírito de Verdade quanto ao estudo sério e dirigido na construção de nossa armadura perispiritual, forjada na humildade e no amor a Deus, a Jesus e, logo, à humanidade.

Ajudando-nos podemos ajudar aos outros, e assim o cristianismo será finalmente implantado, integralmente, em suas bases de amor, trabalho e fé.

Lisboa, Julho, 2012

MARCO ANTÓNIO PEREIRA



De todos os infelizes os mais desditosos são os que perderam a confiança em Deus e em si mesmos, porque o maior infortúnio é sofrer a privação da fé e prosseguir vivendo!

Eleva, pois, o teu olhar e caminha!

Luta e serve!

MEIMEI

M ã E

I

Quando fores rosa um dia,
Meu pequenino botão,
Doce enlevo e simpatia
Da matinal viração,
Paga à roseira amorosa
Tanto amor; paga-lho bem,
Que a roseira para a rosa
Tem uns extremos de mãe.

III

Quando, ó estrela, de luz sua
Todo o azul te iluminar,
Como nas noites de lua
Se enche um lago de luar;
Meteoro dum momento,
Não vás pelos céus além,
Que os astros e o firmamento
São como filhos e mãe.

II

Quando, ó concha pequenina,
Que na espuma à praia vens,
Surgir a pérola fina,
Que no teu seio conténs,
Não abandones sozinha
A areia que a praia tem,
Que a areia para a conchinha
Tem uns cuidados de mãe.

IV

Quando, implume passarinho
Um dia abrires enfim
Entre os dois ramos do ninho
Duas asas de cetim,
Enquanto o ninho não tomba,
Nunca o deixes, olha bem,
Que o melhor ninho de pomba
Foram as asas da mãe.

FERNANDO CALDEIRA

(Revista ESTUDOS PSIQUICOS, ano 10º, nº 2, Fevereiro 1949).

O ESPIRITISMO, A MEDICINA E A CIÊNCIA JUNTAS

Médicos e hospitais começam a adotar a espiritualidade e a esperança como recursos para o combate de doenças.

Há uma revolução em curso na medicina que mudará para sempre a forma de tratar o paciente. Médicos e instituições hospitalares do mundo todo começam a incluir nas suas rotinas, de maneira sistemática e definitiva, a prática de estimular nos pacientes o fortalecimento da esperança, do optimismo, do bom humor e da espiritualidade. O objectivo é simples: despertar ou fortificar nos indivíduos condições emocionais positivas, já abalizadas pela ciência como recursos eficazes no combate a doenças. Esses elementos funcionarão, na verdade, como remédios para a alma – mas com repercussões benéficas para o corpo.

A adopção desta postura teve origem, primeiro, na constatação empírica de que atitudes mais positivas traziam benefício aos pacientes. Isso começou a ser observado principalmente em centros de tratamento de doenças graves, como câncer e males que exigem do indivíduo uma força monumental. No dia a dia, os médicos percebiam que os doentes apoiados em algum tipo de fé,

e que mantinham a esperança na recuperação, de facto apresentavam melhores prognósticos. A partir daí, pesquisadores ligados principalmente a essas instituições, iniciaram estudos sobre o tema.

Hoje, há dezenas deles. Um exemplo, é o trabalho publicado na edição deste mês (Agosto, 2009) da revista científica BMC Câncer, sugerindo que o optimismo é um factor de protecção contra o câncer da mama.

“Verificamos que mulheres expostas a eventos negativos têm mais risco de contrair a doença do que aquelas que apresentam maiores sentimentos de felicidade e positivismo”, explicou Ronit Peled, da Universidade de Neguev, de Israel, autor da pesquisa.

Uma pesquisa divulgada na revista “Annals of Family Medicine” revelou que homens optimistas em relação à própria saúde, de alguma forma ficaram mais protegidos de doenças cardiovasculares. Os cientistas acompanharam 2,8 mil voluntários durante 15 anos. Eles constataram que a incidência de morte por enfarte ou acidente vascular cerebral foi três vezes menor entre aqueles que no início estavam mais confiantes em manter uma boa condição física.

Provas dos efeitos da adopção da espiritualidade na melhora da saúde também começaram a surgir. Nos estudos sobre o tema, a prática aparece associada à redução da ansiedade, da depressão e à diminuição da dor, entre outras repercussões.

A partir de informações como essas, os cientistas resolveram identificar o que levava a esse impacto. Chegaram, basicamente, a duas razões: uma é de natureza comportamental. Em geral, quem é optimista, tem esperança e cultiva alguma fé, costuma ter hábitos

saudáveis. Além disso, essas pessoas seguem melhor o tratamento. “Uma postura positiva leva a gestos positivos. Os pacientes se cuidam mais, alimentam-se bem, fazem direito a fisioterapia, mesmo que ela seja dolorosa”, explica a clínica geral, carioca, Claudia Coutinho. A outra explicação tem fundamento biológico. Está provado que a manutenção de um estado de espírito mais seguro e esperançoso desencadeia no organismo uma cadeia de reacções que só trazem o bem.

“Se o paciente é otimista, encara um problema de saúde como um desafio a ser vencido. Nesse caso, as alterações ocorridas no corpo poderão ser usadas a seu favor”, explica o pesquisador Ricardo Monezi, do Instituto de Medicina Comportamental da Universidade Federal de São Paulo. O bom humor, por exemplo, é capaz de promover o aumento da produção de hormónios que fortalecem o sistema de defesa, fundamental quando o corpo precisa lutar contra inimigos. Além disso, o riso provoca relaxamento de vários grupos musculares, melhora as funções cardíacas e respiratórias e aumenta a oxigenação dos tecidos.

É esse arcabouço de informações que permite hoje, o uso, na prática, da espiritualidade, do optimismo, da esperança e do bom humor como recursos terapêuticos dentro da medicina. Nos Estados Unidos, por exemplo, pesquisadores da Universidade do Alabama, preparam-se para começar a aplicar um tratamento batizado de “terapia da esperança”. O sistema consiste em ajudar os pacientes a construir e a manter a esperança, diante da doença. “O primeiro passo é auxilia-los a encontrar um objectivo importante que dê sentido a suas vidas. Depois, aumentar a motivação para alcança-lo e orientá-los sobre os caminhos a serem seguidos”, explicou à “ISTO É” Jennifer Cheavens, da

Universidade de Ohio, e participante do grupo que desenvolveu a novidade.

No Brasil, a inclusão da ferramenta na prática médica está mudando a rotina dos hospitais. No Instituto de Ortopedia, no Rio de Janeiro, por exemplo, o trabalho médico é acompanhado pelo suporte psicológico, dedicado especialmente a fortalecer uma atitude mais positiva.

Na Rede Sarah, os pacientes são estimulados a participar de actividades que melhorem o humor e a disposição. Entre eles estão o remo, a dança e os jogos. “A doença deixa de ser o foco. Quando isto acontece, a recuperação é acelerada. O paciente fica menos tempo internado e retorna às suas actividades mais rapidamente”, afirma Lúcia Willadino Braga, presidente da Rede.

Constatações semelhantes são obtidas no InCOR, em São Paulo. Lá, quem está internado recebe suporte psicológico para não entrar em depressão – já considerada factor de risco para doenças cardíacas – e manter o optimismo. “É preciso dar força para o espírito para que o corpo se recupere”, afirma o cardiologista Carlos Pastore, director dos serviços médicos da instituição.

Talvez o símbolo mais emblemático do fim do preconceito da medicina ocidental contra questões relativas a emoções e espiritualidade seja o que está acontecendo na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), a mais tradicional do País. Em Novembro, a instituição sediará um evento para mostrar aos profissionais de saúde a importância de recursos, como a espiritualidade e o bom humor na recuperação de pacientes. O curso será ministrado pelo geriatra Franklin dos Santos, professor de pós-graduação da disciplina de emergências

médicas da universidade. No programa, há um bom espaço para ensinar os médicos e enfermeiros a usarem essas ferramentas. “Discutimos como isso deve ser aplicado na prática”, diz o médico, que tem dado palestras pelas escolas de medicina do País inteiro.

Nos Estados Unidos, também há um esforço para treinar os profissionais de saúde. Só para se ter uma ideia, o Instituto Nacional do Câncer americano, criou uma espécie de guia para orientar médicos, enfermeiros e psicólogos sobre como usar a espiritualidade do paciente a seu favor.

Todo esse interesse é o sinal mais patente de que a revolução vai durar. Por isso, ninguém deve se surpreender se, quando chegado ao consultório médico, for indagado sobre suas condições de saúde, obviamente, mas também sobre sua relação com a espiritualidade ou disposição de esperança. “Questões como essas devem começar a ser cada vez mais levantadas”, defende Brick Johnstone, professor de psicologia médica da Universidade Missouri-Columbia, nos EUA.

GILSILENE MANHÃES
ADRIANA PRADO – GREICE RODRIGUES
Colaborou ***CILENE PEREIRA***

(Este artigo foi-nos enviado por Carlos Alberto Castelão, de Espírito Santo, Brasil e, embora tenham já passado alguns meses (bastos meses) entendemos ser oportuna a sua publicação. Infelizmente, a doença existe sempre, com uma incidência maior ou menor, mas a capacidade de cada um resistir a ela ou de aceitar, tem muito a ver com a sua maneira de ser. Achamos

sempre úteis todas as palavras que, de uma ou outra maneira, poderão ajudar a uma transformação positiva e a colaborarem nas melhoras de cada um.

Lembramos ainda que, há já alguns anos atrás, a nossa Revista transcreveu um outro artigo que, falando de doentes e de doenças, narrava a experiência feita por alguns médicos americanos que, tendo reparado que os doentes que oravam apresentavam uma recuperação e sintomatologia completamente diferente daqueles outros que o não faziam, resolveram separar alguns dos doentes, colocando numa enfermaria vários doentes bastante graves que todos os dias oravam e, numa outra, doentes menos graves mas que não tinham o hábito da oração. Semanas após tiveram de concluir que os mais graves apresentavam mais rápidas melhoras que os segundos não revelavam. A partir da conclusão da sua experiência, começaram a recomendar aos seus doentes a oração como terapia de cura).



FÉRIAS

Conhecemos a palavra, quando estudantes e, desde então, criança ainda, ficou-nos sempre aquele anseio do das primeiras vezes: férias! Quando chegamos as férias? Quanto tempo falta?... E a idade foi-se acumulando em anos e experiências diversas, mas sempre vivendo a mesma expectativa: férias! Quanto tempo falta?

Hoje, oficialmente, estamos permanentemente de férias, já que a reforma libertou-nos, aparentemente, do cumprimento de horários rígidos e fixos que vivemos durante determinados anos desta nossa reencarnação... mas a aposentadoria não nos libertou nem da consciência dos nossos actos nem das responsabilidades que as nossas opções nos criaram: a tarefa que hoje desempenhamos, tão ou mais importante – diríamos que muito mais – que aquela outra, civil, impôs-nos, desde os primeiros tempos, uma disciplina que fomos aprimorando com o passar dos anos; por outro lado, desde a primeira vez que tomámos conhecimento com o Espírito Emmanuel e da sua rígida exigência? Apresentação?, para o pupilo Chico Xavier – Disciplina, disciplina, disciplina! – ela ficou-nos sempre como a parte mais importante de um todo que gostaríamos de cumprir pelo que sobrasse do nosso tempo... já lá vão mais de quatro décadas!

E a disciplina tem-nos acompanhado, orientando os nossos trabalhos, impondo-nos tarefas, limitando ou ampliando as nossas horas!... E quando alguém se lamenta, ao nosso lado, porque precisa de tanto tempo para dormir, nós afirmamos que precisamos de bem mais para trabalhar... porque, com Jesus e as suas palavras *“O Pai trabalha até hoje e eu trabalho também”* nós percebemos o quanto o trabalho é importante para cada um de nós.

Por outro lado, Allan Kardec, na obra O LIVRO DOS ESPÍRITOS transmite-nos, no capítulo III do Livro Terceiro, o estudo sobre *“A Lei do Trabalho”*, de que não podemos deixar de transcrever as respostas às Questões 674 e 676.

Sobre a necessidade do trabalho, os Espíritos afirmam-nos que *“o trabalho é uma lei da Natureza e por isso mesmo é uma necessidade. A civilização obriga o homem a trabalhar mais, porque aumenta as suas necessidades e os seus prazeres.”*

E, à pergunta de Kardec sobre “Porque o trabalho é imposto ao homem”, os Espíritos respondem que *“é uma consequência da sua natureza corpórea. É uma expiação, e ao mesmo tempo um meio de aperfeiçoar a sua inteligência. Sem o trabalho o homem permaneceria na infância intelectual; eis porque ele deve a sua alimentação, a sua segurança e o seu bem-estar ao seu trabalho e à sua actividade. Ao de físico franzino, Deus concedeu a inteligência para o compensar; mas há sempre trabalho.”*

Então, depois de um determinado número de horas, dias, semanas, meses de tarefas cumpridas, sabe sempre bem poderem-se saborear uns dias de férias...sentindo-as na certeza do dever cumprido, sentindo-as, ainda, na certeza de que, estejamos onde estivermos, pelo tempo que estivermos, pois procuramos agir sempre de maneira a sentirmos que não estamos sós, porque o Senhor, através dos seus Mensageiros, caminha a nosso lado.

Na mala ou saco de cada um, um objecto absolutamente indispensável: o livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Ele é mais importante que a pasta de dentes, o pente, o bikini – para aqueles que o usem – ou até mesmo um par de sandálias: a Boa-Nova connosco é a certeza de que em qualquer momento do dia a dia, sempre que o procuremos, o Senhor estará connosco, amparando-nos, orientando-nos, intuindo-nos, protegendo-nos, nas palavras das páginas que busquemos para uns minutos de conforto espiritual. Assim, então, as nossas férias serão sempre umas boas férias! ... o mesmo que desejamos para todos.

MANUELA VASCONCELOS



PÁGINAS DO PASSADO

Pela União Espírita

Temos verificado, por certos lamentáveis incidentes, que não é problema muito fácil de resolver o de manter numa fraterna e leal camaradagem os espíritas ou, mais largamente, os espiritualistas das diferentes colectividades.

E não é problema fácil enquanto um grande número de crentes na sobrevivência e comunicações dos espíritos não se dispuser ao mesmo tempo a cumprir com os doces ensinamentos de Jesus aceitando-os como a base essencial da sua crença espírita.

Ora Jesus condenou a vaidade, o orgulho e a maledicência, pois não é de bons irmãos arvorarem-se em julgadores uns dos outros, e menos ainda em fazerem alarde das fraquezas ou supostas fraquezas que neles vêem, através do argueiro que lhes turve, completamente, a razão e a vista.

Estes vícios de formação espiritual deturpada, não são as únicas dificuldades para a solução do problema atinente a incutir em todos os espíritas hábitos de boa concórdia e franca e leal cooperação.

Há também a falta de domínio, em muitos irmãos nossos, no que respeita às perturbadoras influências de forças invisíveis que,

no campo das ideias, formam turbilhões manifestados em correntes várias de pensamentos desencontrados.

É preciso saber dominar estas correntes adversas, postas em vibração pelos nossos irmãos desencarnados que, procurando embaraçar aquilo com que não concordam nem simpatizam, aproveitam as vibrações mentais dos orgulhosos, dos vaidosos, dos que pretendem pôr as suas personalidades acima das conveniências de uma boa fraternidade e da sã doutrina para lhes insuflarem atitudes de discórdia e mesmo de escândalo.

São provações naturais a que estamos todos submetidos: os que se deixam arrastar por aqueles turbilhões perturbadores, pois que assim provam não cumprir com os preceitos de Jesus, que mandou orar e vigiar assiduamente, de maneira que, numa recatada e proveitosa modéstia, possam livrar-se de tentações e ver, claramente, o bom caminho e a estrada de rumo duvidoso, e provação para os que cumprem as doutrinas, pois, pelas discórdias e escândalos que os atingem, é verificada a medida do seu poder de tolerância e de perdão para as fraquezas e ofensas dos seus irmãos.

E ai dos que manifestarem fraco poder de vontade em ser tolerantes e em perdoar!

Tomemos boa nota disto, que é baseado naquele ensinamento de Jesus ao dizer: *“É impossível que deixe de haver escândalos, mas ai daquele por que eles vêem.”* (Lucas, XVII-1). Ora o escândalo e a discórdia ou desarmonia nas atitudes dos homens

são uma consequência do ambiente impuro que envolve a Terra resultante do seu atraso ainda bem acentuado, ambiente aquele que é denominado de astral inferior.

É preciso que todos, ou pelo menos o maior número, vibrem espiritualmente em uníssono com as ideias, sentimentos e aspirações dos que estão muito para além daquele ambiente de trevas e ignorância, ou seja muito para além daquele astral inferior. Quando assim suceder, a tolerância será o apanágio de todos os do mesmo credo ou de credos diferentes, porque as vibrações de amor e concórdia dominarão os pensamentos negativos do ódio, da inveja e do egoísmo.

É este o caminho que levará à união de todos.

Ora, a união faz a força, diz a sabedoria dos povos, e os espíritas portugueses precisam de estar muito unidos, para terem a força suficiente com que vencerão as correntes antagónicas de preconceitos e de ensinamentos errados, que desde sempre se opõem à expansão do neo-espiritualismo em terras lusas.

Os ensinamentos da parábola dos vimes vêm aqui muito a propósito, pois todos compreendem muito bem que desunidos, em que cada um conte somente com as suas próprias forças, lhes é inteiramente impossível vencerem as forças negativas que os envolvem e fazerem obra construtiva de vulto no campo da expansão do Espiritismo, ao passo que unidos por fortes desejos de bem servir, e fazendo barreira por fortes concentrações de pensamento, devidamente ligadas e vibrando sintonizadamente em determinados momentos, quer nos encontremos dispersos quer reunidos, e com isto me quero referir ao poderoso efeito da comunhão do pensamento, podemos ter a certeza de que

venceremos todos os entraves na expansão das nossas doutrinas de sabedoria, paz e amor.

O essencial, pois, é que sejamos tolerantes e leais uns para com os outros, e sempre animados de pensamentos de concórdia e fraternidade.

JOSÉ F. CABRITA

(Excerto da mensagem lida em 31/3/948 pelo autor, na Federação Espírita Portuguesa, por ocasião do Centenário dos Fenómenos de Hydesville, e publicada na Revista Portuguesa ESTUDOS PSIQUICOS, já desaparecida, em Outubro de 1948).

*

SEMPRE ADIANTE

“Porque de quem alguém é vencido, do tal faz-se também escravo.” – (II PEDRO, 2:19)

O Espírito encarnado, a fim de alcançar os altos objectivos da vida, precisa reconhecer sua condição de aprendiz, extraindo o proveito de cada experiência, sem escravizar-se.

O dinheiro ou a necessidade material, a doença e a saúde do corpo são condições educativas de imenso valor para os que saibam aproveitar o ensejo de elevação em sua essência legítima.

Infelizmente, porém, de maneira geral, a criatura apenas reconhece semelhantes verdades quando se abeira da transformação pela morte do corpo terrestre.

Raras pessoas transitam de uma situação para outra com a dignidade devida. Comumente, se um rico é transferido a lugar de escassez, dá-se a tão extremas lamentações que acaba vencido, como servo miserável da mendicância; se o pobre é conduzido a elevada posição financeira, não raro se transforma em ordenador insensato, escravizando-se à extravagância e à tirania.

É imprescindível muito cuidado para que as posições transitórias não paralitem os vôos da alma.

Guarda a rectidão de consciência e atira-te ao trabalho edificante; então, a teus olhos, toda situação representará oportunidade de atingir o “mais alto” e o “mais além”.

EMMANUEL

(in: CAMINHO, VERDADE E VIDA, psicografia de Francisco C. Xavier, , edição FEB 1986, capítulo 132).

